

METODOLOGIA DE APRENDIZAGEM COM ALUNO DISLÉXICO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA NO MUNICÍPIO DE MONTES CLAROS - MG

SANTOS, Geisa Simone Caldeira¹
FIGUEIREDO, João Carlos Gomes²

¹ Graduada em Ciências Biológicas Licenciatura, Mestranda em Produção animal, Universidade Federal de Minas Gerais, Montes Claros/MG.

² Graduado em Ciências Biológicas Bacharelado, Mestrando em Biotecnologia, Universidade Estadual de Montes Claros, MG.

RESUMO

Entende-se que a dislexia seja uma dificuldade na aquisição de linguagem, um distúrbio específico de aprendizagem de origem neurológica, caracterizado pela dificuldade com a fluência correta na leitura e na decodificação e soletração. Este estudo classifica-se como aplicado, descritivo de cunho qualitativo. Participaram deste estudo um professor e um supervisor pedagógico de uma escola municipal de Montes Claros, a qual foi aplicada a estes um questionário estruturado contendo 11 questões sendo três de identificação e oito de conteúdo. As de conteúdo foram quatro abertas e quatro de múltipla escolha. Os achados deste estudo evidenciaram que a utilização das estratégias do professor em sala de aula precisa ser melhorada para ter como objetivo um ensino adequado às necessidades do aluno disléxico.

Palavras-chave: Dislexia. Estratégias de aprendizagem. Dificuldades de aprendizagem. Desempenho escolar. Ensino individualizado.

METHODS OF LEARNING AS DISLEXIC STUDENT IN ELEMENTARY SCHOOL OF MONTES CLAROS/MG

ABSTRACT

It's known that dyslexia is a difficulty in the language acquisition, a specific disturb of learning that originally comes from a neurological problem, characterized by the difficulty in the right fluency in reading decoding and spelling. This study is classified as applied and descriptive with a qualitative meaning. A teacher and a pedagogic supervisor of a municipal school in Montes Claros participated in this study. A questionnaire with 11 questions, 3 recognition questions and 8 content ones. This study's findings showed that the teacher's strategies in classroom need to be improved and the appropriated teaching to the dyslexic student's needs need to be a goal.

Keywords: Dyslexia. Learning strategies. Learning difficulties. Performance at school. Individual teaching.

INTRODUÇÃO

Pela visão da Psicopedagogia e Multiterapia, analisando a origem do grego “dis”- dificuldade e “lexia”- linguagem, entende-se que

a dislexia seja uma dificuldade na aquisição de linguagem. Levando-se em conta que léxico significa, entre outras definições, conjunto das palavras usadas em uma língua/idioma o termo disléxico deve definir o indivíduo desprovido de

capacidade na aquisição desse conjunto de palavras (OLIVIER, 2008).

O mesmo autor afirma ainda que é preciso pontuar a lamentável a forma positivista, causa-efeito, com que a definição da dislexia tem sido tratada. Define-se comumente dislexia como sendo “uma condição hereditária com alterações genéticas, apresentando ainda alterações de padrão neurológico” afirmando-se ainda que “dislexia não é culpa de ninguém, nasce assim”, insistindo-se na “troca de letras” como característica disléxica. Complementado há uma mistura profusa de sintomas, pertencentes a outros distúrbios, que não a dislexia, como sendo próprios desta, incluindo a dificuldade em matemática.

Neste sentido, Capellini (2006) contrapõe o pensamento do autor supra-citado, afirmando que é importante reconhecer que há indivíduos com dislexia que apresentam déficits cognitivos e acadêmicos em outras áreas, como a atenção, matemática e/ou soletração e expressão escrita ou, ainda, a habilidade de usar informações supra-segmentais (rima ou prosódia) na generalização da soletração de sons na correspondência de palavras.

Tais dificuldades resultam tipicamente de um déficit no componente fonológico da linguagem que frequentemente não é esperado em relação a outras habilidades cognitivas e à provisão de adequada instrução escolar (LUKASOVA et al, 2008).

Por outro lado, Launay (1990) afirma que a dislexia pode ser compreendida e/ou apresentada de duas maneiras: ou é uma doença, uma entidade específica com causa determinada, ou é uma associação de sintomas, um “síndrome” cuja origem é necessário procurar em fatores múltiplos combinados de maneiras diversas.

Já Fonseca (2009) relata que a dislexia trata-se de uma inesperada dificuldade de aprendizagem, e não incapacidade, e muito menos doença, considerando-se inteligência média e superior do indivíduo e a oportunidade educacional em que ele se encontra integrado.

Diante disso, é importante ressaltar que a dislexia não pode ser vista como um distúrbio homogêneo, uma vez que esta compreende uma gama ampla de sinais comportamentais e cognitivos. Um dos sinais cognitivos observados é a dificuldade de discriminar sons em seus aspectos fônicos ou temporais (LUKASOVA et al, 2008).

Este trabalho justifica-se pela necessidade de aumentar o volume de informações acerca

dos problemas oriundos da acessibilidade dos disléxicos ao ambiente escolar e da dificuldade dos professores em identificar e escolher estratégias que possam melhor inserir o disléxico em meio contexto escolar e social.

Neste sentido, o objetivo desta pesquisa consiste em identificar a metodologia utilizada pelo professor no processo ensino-aprendizado de alunos disléxicos. E postulam-se como objetivos específicos deste estudo identificar a etiologia da dislexia; identificar as dificuldades de aprendizagem do aluno disléxico; verificar o conhecimento do professor acerca das necessidades e/ou metodologias utilizadas no trato com o aluno disléxico.

DISLEXIA

Etiologia da dislexia

De acordo com Alves et al. (2009) relatam que são inúmeras as teorias que tentam explicar a etiologia da dislexia. Vários fatores estão relacionados ao quadro da mesma, dentre eles os fatores hereditários e fatores relacionados ao comportamento social, à lateralização cerebral e a uma disfunção cerebral.

Olivier (2008) aponta como primeira característica a “Alteração nos cromossomos 6 e 15” - A dislexia caracteriza-se como distúrbio, que também pode ser causado por células fora do lugar, células com funções diferentes ou má-formação no arranjo dos neurônios. Esta afirmação caiu no esquecimento, pois levantou-se a hipótese da alteração hemisférica.

Neste sentido, Grigorenko e colaboradores (1997) apud Carvalhais; Silva, (2007) procuraram identificar os genes implicados na dislexia. Os cromossomos 6 e 15 foram identificados. Com base no exposto acima ao cromossoma 15 estariam associadas dificuldades ao nível da leitura global, pictográfica da palavra e ao cromossoma 6 estaria o déficit fonológico.

Já Capellini et al. (2010) relata que o problema do indivíduo com dislexia tem sua origem durante o desenvolvimento do cérebro, com a presença de más formações corticais e subcorticais originadas no período embrionário. Essas más formações ocorrem em áreas vinculadas ao processamento fonológico, como nas áreas de Broca e de Wernicke, regiões de produção e compreensão da linguagem oral e escrita.

A segunda característica apontada por Olivier, (2008) é o “Distúrbio hereditário e incurá-

vel”, sem ligação com causas intelectuais, emocionais nem culturais. Apresenta alterações no lobo temporal direito, que é maior do que o esquerdo, quando o normal é o inverso. Esta teoria foi defendida por vários profissionais como a causa mais provável.

Alves, et al. (2009), atesta que embora estudos tradicionais apontem que o hemisfério direito do cérebro (o hemisfério não-verbal) é o responsável pelo processamento da prosódia, enquanto que o hemisfério esquerdo processa a linguagem verbal, pesquisas recentes revelam que o processamento prosódico envolve múltiplas áreas em ambos os hemisférios, havendo áreas em comum com o processamento fonológico e as frequentemente apontadas como disfuncionais em indivíduos disléxicos.

Carvalhais e Silva, (2007) afirma que dentre as várias teorias que explicam a causa da dislexia apontam-se teorias cognitivas, de base neurológica, teorias genéticas e hereditárias e como também teorias que se apoiam em fatores ambientais.

Uma terceira característica descrita por Olivier (2008) são os “Fatores orgânicos”, como a anoxia (perinatal/afogamento etc.), que apresenta como sequelas as dificuldades de aprendizagem.

Há quase 20 anos, comecei a pensar nesta hipótese e, depois de ser alvo de grandes chacotas, vejo, hoje, muitos e conceituados profissionais citarem a anoxia como uma, senão a principal, causa da dislexia e outros distúrbios de aprendizagem (Olivier, 2008 p32).

Assim, há quem defenda que a tese de que a dislexia é uma junção de todos estes fatores e há também a linha de raciocínio que defende a dislexia como apenas uma consequência de problemas emocionais. A junção de todos estes fatores seria, de fato, um grande estrago no cérebro de qualquer indivíduo, portanto não tem muita lógica, e a causa psicológica seria, isoladamente, muito simplista para definir um distúrbio tão significativo de aprendizagem. Dentro da dislexia pode haver a causa psicológica, mas sempre adicionada e/ou associada a outros fatores e jamais de forma isolada.

Estratégias de aprendizagem com o aluno disléxico

A estratégia de aprendizagem desempenha um papel importante no rendimento escolar, e quando usadas de maneira apropriada, se desta-

cam no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Dembo (1994) citado por Boruchovitch (1999) As estratégias de aprendizagem são técnicas ou métodos que os alunos utilizam para adquirir e/ou obter a informação.

Assim, as estratégias de aprendizagem vêm sendo definidas como sequências de procedimentos ou informações que se escolhem com o objetivo de facilitar a aquisição, o armazenamento e/ou utilização da informação. (NISBET et al, 1987 apud POZO, 1996).

Alguns teóricos distinguem estratégias cognitivas de metacognitivas (GARNER; ALEXANDER, 1989 citados por BORUCHOVITCH, 1999). Para DEMBO (1994) apud BORUCHOVITCH (1999), enquanto as estratégias cognitivas se referem a comportamentos e pensamentos que influenciam o processo de aprendizagem de maneira que a informação possa ser armazenada mais eficientemente, as estratégias metacognitivas são procedimentos que o indivíduo usa para planejar, monitorar e regular o seu próprio pensamento.

Dansereau e colaboradores (1979) apud Boruchovitch (1999) julgam necessário diferenciar estratégias primárias das estratégias de apoio. Para esses pesquisadores, as estratégias primárias são as destinadas a ajudar o aluno a organizar, elaborar e integrar a informação (DANSEREAU e Colaboradores, 1979 citados por BORUCHOVITCH, 1999). As estratégias de apoio, por sua vez, são responsáveis pela manutenção de um estado interno satisfatório que favoreça a aprendizagem. Apesar das distinções mencionadas, o termo estratégias de aprendizagem vem sendo amplamente utilizado num sentido que inclui todos os tipos de estratégias (cognitivas, metacognitivas, primárias e de apoio).

Segundo Schirmer et al. (2004) na visão construtivista, a aprendizagem é construção, ação e tomada de consciência da coordenação das ações. Assim, o aluno irá construir seu conhecimento através de uma história individual já percorrida, tendo uma estrutura, ou com base em condições prévias de todo o aprender, além de ser exposto ao conteúdo necessário para seu aprendizado.

Sabe-se que se um aluno com dificuldades de aprendizagem, entre eles o disléxico, se for bem conduzido pelos profissionais de saúde e educação, em conjunto com a família, poderá obter êxito nos resultados escolares.

São princípios básicos do trabalho em linguagem escrita com a criança: estimular a descoberta e utilização da lógica de seu pen-

samento na construção de palavras e textos e na representação de fonemas; oferecer oportunidades para a escrita e leitura espontâneas; explorar constantemente as diversas funções da escrita (não apenas produção textual, mas também cartas e bilhetes); e explicitar as diferenças entre língua falada e língua escrita. É importante que a criança tenha adequada consciência de que a fala e a escrita são formas diferentes de expressão da linguagem.

De acordo com Nunes et al. (2003) a dislexia como sendo uma dificuldade específica de aprendizagem, está no âmbito da Educação Inclusiva, e sendo assim esta assegura aos educandos que os sistemas de ensino devem reestruturar sua organização, currículo e avaliação, na intenção de superar barreiras, para que então, todos sem distinção possam aprender e participar, tendo para tanto, condições adequadas.

Portanto, o ato de aprender é um ato de plasticidade cerebral, modulado por fatores intrínsecos (genético) e extrínsecos (experiência).

Fonseca (1995) ressalta que a aprendizagem é, por natureza, uma situação que desestabiliza emocionalmente as crianças. Se o professor não tiver em conta esse aspecto, é evidente que as situações escolares são vividas numa tensão tal que jamais proporcionarão as relações interiorizadas (receptivas, integrativas e expressivas) características do processo da aprendizagem humana.

Para Sanchez (2004) apud Machado e Miyazaki (2007) a intervenção, portanto, é de caráter intencional e planejado, exigindo certo nível de estruturação e de formalização, bem como é facilitadora e estabelece pontes e ajuda para a autonomia do indivíduo trabalhado. Por último, o sujeito disporá, de um metaconhecimento ou conhecimento sobre seus próprios processos psicológicos, que lhe ajudará a utilizá-los de um modo mais eficaz e flexível no planejamento de suas estratégias de aprendizagem (POZO, 1997 id ibidem).

Araújo (2002) refere que o desempenho escolar depende de diferentes fatores: características da escola (físicas, pedagógicas, qualificação do professor), da família (nível de escolaridade dos pais, presença dos pais e interação dos pais com escola e deveres) e do próprio indivíduo. Desta forma, o problema da dificuldade de aprendizado encontra interfaces de educadores, sociólogos, psicólogos, médicos.

Portanto, a intervenção do professor estabelece um papel fundamental na assessoria ao aluno disléxico para estimulá-lo em aulas de

criatividade e em outras atividades centradas nos seus pontos fortes, bem como exaltar e valorizar as potencialidades do indivíduo acometido.

Neste contexto, Borel-Maisonny (1990) afirma que é preciso que os professores se sintam mais comprometidos, mais motivados para triunfar, para não explicar todos os fracassos como um estado patológico mais ou menos discutível. E que a escola faça tudo o que estiver nas suas mãos para ensinar.

Assim, se por um lado, os disléxicos apresentam enormes dificuldades na aquisição de linguagem escrita e/ou falada, por outro lado, estes podem ter grandes aptidões, capacidades e habilidades em outros campos, a qual devem ser valorizadas e jamais ignoradas.

Neste sentido Olivier (2008, p 69) discerne que:

É aconselhável que o disléxico, seja de que tipo for, pratique esportes que também desenvolverão sua coordenação motora, raciocínio, agilidade etc...[...]. Também todas as atividades artísticas são benéficas ao disléxico, destacando-se o balé clássico e o teatro. Os tratamentos dependerão dos sintomas apresentados. Para cada caso, há um tratamento específico, que já pode incluir medicamentos e outras técnicas [...]. Em geral, deverá haver um reforço na re-alfabetização ou, além disso, uma verdadeira mudança no processo de alfabetização deste.

Portanto, ao relacionar-se com o aluno disléxico, o professor deve tratá-lo com dedicação e incentivo à sua criatividade, prevalecendo assim aulas práticas para com esse aluno tendo como objetivo facilitar o seu processo de ensino-aprendizado (OLIVIER, 2008).

Fert (1990) destaca a importância do meio sócio-cultural:

O mestre deve ser tanto educador quanto professor. Sua excelente preparação no plano das técnicas pedagógicas não lhe dá as ferramentas necessárias para se responsabilizar totalmente. Sentimos isto na dificuldade que frequentemente encontra o professor em considerar a criança de outra perspectiva que não seja a de seus fracassos, seus êxitos, seu comportamento, adequado ou não, em uma classe bem organizada; unicamente os mais capacitados sabem que manifestar um interesse pela criança, pela qualidade da relação pessoal, lhes permite, muitas vezes, vencer as dificuldades que podem parecer situar-se somente no plano intelectual (p. 57).

Pires (2008) defende que, “efetuar uma intervenção educativa atempada, valorizar os pontos fortes e potencialidades e encontrar ou-

tras estratégias educativas”.

Critchley (1978) citado por Ribeiro (2005) destaca alguns princípios metodológicos gerais:

- a. Os métodos denominados de globais devem ser substituídos por um sistema mais fonético ou analítico-sintético para os casos de dislexia.
- b. A progressão que vai das tarefas mais simples às mais complexas deve desenvolver-se lenta e gradualmente.
- c. A aprendizagem visual deve ser reforçada através de outros canais sensoriais. Assim, deve ensinar-se a criança com dislexia a diferenciar a forma de uma letra ou palavra, expressar o símbolo em voz alta; a percorrer o contorno com os dedos e a escrevê-la.
- d. O material de leitura selecionado para fins de ensino deve ser estimulante e interessante.
- e. O emprego de brinquedos que tenham letras e palavras escritas deve ser estimulado como uma maneira de ludoterapia auxiliar.
- f. O ensino deve ser individual e intenso.
- g. Para que a criança possa concentrar-se na tarefa de aprender a ler, escrever e aprender ortografia deve sacrificar-se alguma outra disciplina ou disciplinas do programa escolar.

De acordo com Pocinho, (2007) o sucesso escolar depende, em parte, destas estratégias e, por isso, estas devem ser objeto de um ensino sistematizado por parte da escola.

Segundo Fonseca (1995) a noção de motivação está também intimamente ligada à noção de aprendizagem. A estimulação e a atividade em si não garantem que a aprendizagem se opere. Para aprender é necessário sentir-se motivado e interessado. A ocorrência da aprendizagem depende não só do estímulo apropriado, como também de alguma condição interior própria do organismo (“sede”, “curiosidade”, etc.).

Assim, Fonseca (1995) descreve que:

A busca do sucesso escolar é uma condição do sistema social atual, é ele que reforça expectativas e que justifica projetos e esperanças familiares. Podemos garantir que o sucesso escolar é um meio de higiene mental a todos os níveis sociais. Uma criança com insucesso escolar transporta um peso frustracional que se reflete na família, no professor e no grupo dos seus companheiros. Esse aspecto, além de ser impregnado de ten-

dências anti-sociais que se verificam mais tarde, converte-se em um sentimento de autodesvalorização que urge combater (FONSECA, 1995, p.355).

De acordo com Fonseca (1995) a escola tem que ter novos professores, novos materiais, novas metodologias, para ter no futuro novos cidadãos aptos a construir uma sociedade mais justa, culta e humanizada. Sendo que, o professor é a pessoa que tem mais oportunidades para observar o comportamento do aluno, não só na situação de aprendizagem como também na sua evolução objetiva. Tendo que dominar problemas de observação sistemática, esporádica, individualizada e coletiva, bem como na linguagem falada, na linguagem escrita e na linguagem quantitativa. Garantindo assim, uma formação dinâmica que tem por base um espírito científico e um meio de controle da realidade da sala de aula. A variável “professor” é mais potente que a variável “método” quanto à obtenção de bons resultados escolares. Neste sentido, descreve que:

-Os resultados escolares tendem a melhorar se os métodos não forem expositivos, mas participando ao nível de interações: professor-grande grupo; professor-pequeno grupo; criança-professor; criança-pequeno grupo; criança-grande grupo;

- A criança tende a melhorar as suas funções receptivas auditivas, visuais e quinestésicas se se utilizarem processos hierarquizados, sistemáticos e intensivos de aprendizagem;

Dessa maneira, Ajuriaguerra e colaboradores (1990) afirma que é de grande importância uma vigilância precoce dos distúrbios de aprendizagem da leitura, porque de fato, a aprendizagem evolui do voluntário ao automático, e será após esta automatização que a leitura fluirá, e a aprendizagem se converterá em conhecimento e permitirá a ampliação do próprio conhecimento.

O processo de ensino-aprendizagem deve ser orientado impreterivelmente pelos princípios de igualdade de oportunidades educativas e sociais a que todos os alunos, sem exceção, têm direito (CORREIA, 2005 apud ARAÚJO, 2009). Note-se que esta igualdade de oportunidades não se refere a uma escola uniforme “que dá o mesmo a todos” como se tivéssemos todos os mesmo padrão de aprendizagem, a mesma forma, mas antes uma escola que oferece uma pedagogia diferenciada e adequada, isto é, apropriada aos seus interesses e necessidades (CORREIA, 2003, 2005; Santos, 2006 apud ARAÚ-

JO,2009).

Neste sentido, vale ressaltar que o acompanhamento multidisciplinar é de grande importância, a qual envolve sempre o psicopedagogo, neurologista, e/ou psiquiatra, dependendo da gravidade do caso.

Em casos onde haja também distúrbios de fala ou audição, necessita-se de um fonoaudiólogo ou de um otorrino, caso tenha dificuldades motoras e/ou de lateralidade, de um psicomotricista ou fisioterapeuta e, neste caso, também é aconselhável que um psicólogo acompanhe o tratamento e desenvolva atendimento paralelo.

MATERIAIS E MÉTODOS

O universo da pesquisa utilizado foi uma Escola Municipal no município de Montes Claros - MG. População formada pelos funcionários diretamente ligados ao ato educativo. A sala em que o professor atuava possuía 4 casos de alunos com dislexia, que apresentavam dificuldades de leitura e 16 não disléxicos a qual não apresentavam dificuldade de leitura ou mau rendimento escolar. Como amostra foram participantes desta pesquisa dois funcionários, um professor e um supervisor com 23 anos e 15 anos de magistério. Quanto a natureza classifica-se como pesquisa aplicada, qualitativa quanto a abordagem do problema e descritiva quanto aos objetivos gerais. Estar ministrando aula ou supervisionando alunos disléxicos. Ser voluntário para a pesquisa.

Ter assinado o termo de consentimento livre e esclarecido. O instrumento utilizado foi o questionário estruturado, contendo total de onze perguntas, sendo estas três de identificação e oito de conteúdo, na qual as de conteúdo foram quatro abertas e quatro com respostas de múltipla escolha. Aplicado para o professor da classe e supervisor pedagógico. Observação em sala de aula, nos período de 23 de maio de 2012 a 01 de junho de 2012 sendo realizada duas observações por semana, perfazendo um total de 4 aulas observadas com duração de 2 horas/aula cada sessão. Os dados foram tratados por meio de análise de conteúdo, sendo comparado o resultado do questionário com a observação realizada em sala de aula. Foi pedido a direção da escola autorização para a realização do estudo e na sequência entregue o termo de consentimento livre e esclarecido aos funcionários. Depois de assinado os indivíduos da amostra responderam ao questionário, sem interferência do pesquisador, no dia 01 de junho de 2012. Esta

pesquisa seguiu a resolução 196/96 do Ministério da Saúde do Brasil que versa sobre estudo com seres humanos no Brasil. Resguardou-se ainda a identidade dos mesmos e o direito de desistir da pesquisa a qualquer momento, sem qualquer ônus para o mesmo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados dois funcionários da Escola, sendo uma professora/Ensino infantil e Ensino fundamental com 23 anos de profissão, com formação em Magistério, Superior em História-Licenciatura plena e Pós-graduação em História do Brasil. A qual foi capacitada por meio de cursos exclusivos fornecidos pela Fundação Hospital de olhos em Belo Horizonte - MG, para o trabalho com alunos disléxicos, (Screener).

A outra entrevistada foi uma Supervisora com 15 anos de profissão, com formação em Magistério, Superior em Pedagogia e Pós-graduação em Psicopedagogia, sem capacitação para atuar com alunos disléxicos.

1. O que você entende por Dislexia?

A entrevistada 1 entende que “é uma dificuldade para compreender e aprender”. Já a entrevistada 2 responde que é “dificuldade específica no aprendizado, distúrbio que é caracterizado por dificuldades na leitura - escrita e concentração (compromete o desenvolvimento cognitivo do indivíduo)”.

Segundo Relvas (2008) a dislexia é o domínio insuficiente da leitura, podendo estar relacionada aos problemas de lateralidade, à organização espacial, à organização temporal, ao atraso de linguagem, aos problemas de ordem afetiva e aos antecedentes hereditários. Acompanha também problemas de escrita/gramática.

Germano e Capellini (2008) descreve dislexia como sendo um distúrbio específico de aprendizagem de origem neurológica, caracterizada pela dificuldade com a fluência correta na leitura e dificuldade na habilidade de decodificação e soletração, resultantes de um déficit no componente fonológico da linguagem.

Assim, a entrevistada 1 discorda com as ideias do autor, visto que a entrevistada 2 concorda, porém o autor não cita concentração como característica disléxica.

2. Quais métodos e/ou estratégias são utilizados em sala de aula para o bom desenvolvimento e aprendizado do aluno

com dislexia?

A entrevistada 1 marcou como opção de resposta utilizada em sala de aula “método interativo, que combine com método sintético”. E descreve como outras, “Dupla compensada e atividades que envolva o cotidiano”.

A entrevistada 2 marca como opções “estratégias educacionais, bem como puzzles, materiais de composição e construção, exploração de materiais de aprendizagem” “valorizar a avaliação oral envolvendo o aluno em todas as tarefas”, “um ensino individualizado e adequado às suas necessidades”. E justifica que “o aluno pode efetuar uma leitura e escrita muito imprópria para seu aprendizado, para seu nível escolar”.

De acordo, com Henning (2003) citado por Araújo (2009) estudos indicam que o método de ensino da leitura mais apropriado para crianças com dislexia é o método interativo, que combine com método sintético (parte da letra para a sílaba e depois para a palavra), e o método global (que parte da palavra, depois a sílaba e só depois a letra).

As crianças devem aprender a ler através do método global. Contudo, a criança com dislexia poderá não se enquadrar nesta população, dado que os padrões de leitura típicos deste distúrbio interferem com o processo de criação de sentido (HENNING, 2003 p.41 citado por ARAÚJO, 2009 p.94).

Uma outra estratégia igualmente produtiva é o ensino através do recurso aos pares cujo objectivo é permitir que um aluno com elevado rendimento ajude um colega com dificuldades (HENNING, 2003 apud ARAÚJO, 2009). Ora, tal estratégia trará benefícios quer para um quer para outro. Alguns alunos podem apresentar excelentes resultados na sala de aula e não ser capaz de partilhar estratégias e outras soluções bem sucedidas.

A criança com dislexia pode ainda sentir-se mais confortável pedindo ajuda a um dos seus colegas em vez de fazê-lo à frente da turma toda. Para o professor, apresenta também benefícios dado que é difícil responder rapidamente às necessidades individuais das crianças (HENNING, 2003 apud ARAÚJO, 2009).

Na intervenção com o aluno disléxico, Henning (2001), Torres e Fernández (2005) e Correia (2005) citado por Pires (2008) aconselham que em relação aos alunos disléxicos, seja valorizado a avaliação oral envolvendo o aluno em todas as tarefas, porém, ele descreve outras estraté-

gias que antecede esta, bem como a Localização do aluno na sala de aula que esteja próximo professor e do quadro negro; Ao Discurso do professor que seja claro com frases curtas, repetindo em vários contextos as palavras aprender; reforçar palavras chave que devem ser escritas no quadro; A Escrita deve ser clara e legível; repetir as instruções após serem dadas à turma.

De acordo com Fonseca (1995) o professor não deve utilizar apenas a palavra como recurso, deve utilizar projetos, gravadores, jogos, fichas de trabalho e igualmente deverá adotar várias estratégias educacionais, bem como puzzles, materiais de composição e de construção, exploração de materiais de aprendizagem, cartões e fichas coloridas, quadros magnéticos, lotos e dominós simbólicos, blocos lógicos e discriminativos, etc.

Ambas entrevistadas concordam com os autores citados, visto que são métodos indicados pelo mesmo.

Diante das observações em sala de aula percebi que a professora da turma trabalha formando pares de alunos, tendo como objetivo um aluno com dificuldade específica (disléxico) e outro aluno sem dificuldade. Para que então um venha ajudar o outro. E assim todos estejam envolvidos no processo de ensino aprendizagem.

3. São utilizados instrumentos diferentes dos utilizados normalmente na sala de aula em função do aluno disléxico? Quais e por quê?

A entrevistada 1 descreve que utiliza um instrumento diferenciado, dos utilizados em sala de aula. “Overlay (quando há leitura), as demais atividades são as mesmas”.

A entrevistada 2 responde “são encaminhados para atendimento individual, em sala de aula atividades diferenciada”.

Mesquita (2012) descreve que a descoberta da Síndrome de Irlen, cujo foco está no processamento visual e na sensibilidade à luz, disponibilizou aos profissionais uma ferramenta que ameniza as dificuldades. Estas ferramentas são os chamados “overlays” ou lâminas de contraste e os filtros espectrais que proporcionam conforto na leitura e mais concentração a esses pacientes.

A entrevistada 1 foi bem objetiva quando diz o instrumento a qual recorre, tendo em vista que a “Síndrome de Irlen” é chamada também de dislexia de leitura. Já a entrevistada 2 não entende a pergunta.

4. O trabalho com esse aluno é realizado de forma coletiva ou individualizado? Justifique.

A entrevistada 1 responde, “coletiva, porque não há discriminação”.

A entrevistada 2 responde, “Individual”.

Para Fonseca (1995) os professores que obtêm melhores resultados são os que proporcionam às crianças um ensino individualizado e adequado às suas necessidades.

A criança com dislexia é uma criança inteligente, que pode aprender a ler, escrever e desenvolver as suas capacidades e talentos mediante a oferta de uma educação apropriada às suas características e necessidades (AID, 1993, citado por GUERREIRO, 2007). Quer isto dizer que o papel do professor passará por proporcionar a estas crianças experiências de aprendizagem adequadas e apropriadas, capazes de mobilizar e rentabilizar as suas áreas fortes para ultrapassar e minimizar as suas áreas fracas.

Para Araújo (2009) através de um ensino adequado as crianças com dislexia podem conseguir consideráveis progressos e atingir a habilidade necessária para ler com fins práticos.

Neste sentido, a entrevistada 1 discorda dos autores, tendo em vista que para um aluno com dislexia e/ou dificuldade de aprendizagem é necessário que seja aplicado a estes um ensino apropriado adequado às suas necessidades. Sendo realizado assim um trabalho individualizado, não porque possa haver discriminação, mas sim para que ele possa de fato aprender a aprender, esse é o objetivo, e pra que isto aconteça é preciso envolvê-lo em atividades que esteja ao alcance de suas necessidades. Assim, poderá obter êxito em suas atividades, superando as barreiras e as dificuldades. Assim, a entrevistada 2 concorda com o autor, porém não justifica sua resposta.

Dentro das observações feitas por mim em sala de aula, foi possível perceber que diante a atividade proposta pela professora de uma história em quadrinhos a ser recortada e colada em seus respectivos lugares obedecendo a ordem da história contada, todos os alunos participaram. Em seguida, após o término desta atividade pelos alunos, a professora dando continuidade corrigiu-a. Após isso a mesma escreveu um texto no quadro negro, o qual era para ser transcrito pelos alunos no caderno. Diante disso, observei que um dos alunos disléxicos tinha dificuldade, pois não sabia transcrever do quadro para o caderno, não identificando palavras, textos, números, algumas cores, somente

letras. Assim, sendo necessário que a professora interviesse e desse para a aluna uma atividade diferenciada. Neste sentido, consideramos de bom tom, que mediante a dificuldade que esta se encontra na aprendizagem é preciso que seja aplicado à mesma um ensino individualizado adequado às suas necessidades. A mesma apresenta mais lentidão no realizar das tarefas do que os demais disléxicos.

5. A relação professor-aluno é pautada pela:

A entrevistada 1 marcou como opção de resposta, “Cordialidade”.

Já a entrevistada 2 marca 3 alternativas como resposta, “Cordialidade”, “Interesse no desempenho do aluno”, “Interesse do aluno pelo conteúdo”.

Sob essa perspectiva, Schimer et al (2004) afirma que, para que comece a ocorrer um processo de comunicação, a criança deverá se sentir motivada. Deverá existir o que se chama de intenção comunicativa (através da fala serão conseguidos objetos de interesse da criança). Este aspecto surge através do contato diário com as pessoas e da estimulação que essa interação propicia.

Segundo Ajuriaguerra (1990) o educando necessita manter relações identificatórias com o professor.

O mesmo autor continua afirmando que todo professor deve saber que em toda atividade pedagógica existem relações transferências e contratransferências. Sendo interessante estabelecer grupos Balint para professores (como se faz para os médicos) que lhes permitissem superar (complementando-as) algumas oposições estabelecidas entre técnicas e relações, porque não basta ser um professor bom, deve-se ser, ao mesmo tempo, um bom professor.

A entrevistada 1 discorda do autor, pois pode haver cordialidade e não haver interação professor-aluno, sendo assim, ser cordial apenas não basta. Para o autor a interação professor-aluno é fundamental para ajudar no desempenho do aluno. Visto que já a entrevistada 2 concorda com as ideias do autor.

Mediante as observações foi possível perceber que o professor mantém relações comunicativas com o aluno, mas não apresenta interação professor-aluno. Visto que a relação do professor com o aluno é uma condição do processo de aprendizagem. Reforçamos a ideia de que a localização do aluno na sala de aula é importante na construção do processo de ensino-aprendiza-

gem, assim não admitimos a distância estabelecida entre o aluno e o professor em qualquer circunstância de aprendizagem.

6. A relação entre os alunos é pautada por:

A entrevistada 1 marcou como opção de resposta, “Socialização positiva”. Já a entrevistada 2 marcou como opção de resposta, “Cordialidade” e “socialização positiva”.

Para Relvas (2008) A criança desenvolve desde postura rudimentares até a capacidade de socializar-se com objetividade, descentralizando pensamento, buscando a auto-imagem em prol de novos conhecimentos.

A eficácia emocional da criança se relaciona com a percepção da própria capacidade de lidar, monitorar, manejar e mudar sentimentos adversos que inibem a persistência da busca de um objetivo. Ela pode experimentar sentimentos e pedir ajuda, o que torna um aprendiz eficiente.

Cordialidade: s.f. Relativo ao coração; franco; afável. (FERREIRA, 2001).

Diante do exposto acima, ambas entrevistadas concordam com o autor citado, visto que tanto a “Socialização positiva” quanto “Cordialidade”, são importantes para a criança, pois promove a mesma, relações identificatórias no meio a qual esta se encontra inserida, com o objetivo assim de ir em busca dos seus conhecimentos.

Foi perceptível por meio das observações, que tanto a cordialidade quanto a socialização positiva é presente entre os alunos, visto que estes alunos disléxicos se interagem, se envolvem com os demais da classe.

7. Que atitude deve ser tomada ao deparar-se com um aluno que apresente características/sintomas de dislexia:

A entrevistada 1 marcou como opção de resposta, “Avisar ao supervisor”.

Já a entrevistada 2 marcou duas como opção de resposta, sendo segundo a mesma necessário “Avisar ao supervisor” e em seguida “Avisar os pais”.

Olivier (2008) descreve que, antes de qualquer atitude, deve-se analisar como o indivíduo reage diante do processo de alfabetização. Se apresenta dificuldades de pronúncia, de articulação, dificuldades para aprender nome das letras ou cores e outros.

Detectadas estas características, a primeira providência é não forçar o aluno com a alfabetização e encaminhá-lo a um psicopedagogo

que é (ou deveria ser) um profissional preparado para analisar um paciente dos pontos de vista físico e orgânico, psicológico e mental e fatores ambientais e externos. Somente após analisar todos estes fatores, é que se pode pensar em diagnosticar um distúrbio.

Sendo assim, é importante que o professor e o pai estejam atentos para que possam encaminhar o indivíduo com características disléxicas o quanto antes para avaliação psicopedagógica, pois quanto antes for iniciado o acompanhamento, melhores os resultados.

Ambas concordam com o autor, uma vez que é preciso que o professor esteja atento para perceber possíveis dificuldades que esse aluno venha apresentar em sala de aula. Diante disso, é preciso que esse professor avise ao supervisor pedagógico, para que então o supervisor possa comunicar com os pais desse aluno e a partir disso o pai possa tomar as devidas providências, o encaminhando para uma avaliação psicopedagógica.

8. Como você contribui para a integração desse aluno no âmbito escolar?

A entrevistada 1 respondeu que para contribuição do aluno disléxico ela o faz “tornar o participativo; envolve-o nos assuntos de censo comum; eleva sua auto-estima; utiliza atividades individualizadas”.

A entrevistada 2 descreve que contribui para a integração do aluno “ Interagindo e articulando os conteúdos curriculares com os níveis de cada aluno, respeitando seus limites, e descobrindo suas potencialidades”.

Segundo Fernandes e Penna (2008), ao integrar métodos e intervenções, o tratamento tende a ser satisfatório, e o disléxico pode superar a dificuldade de ler e escrever. Dessa forma, ele se torna mais interessado e gradativamente aumenta seu vocabulário, criando possibilidades para ler bem, escrever corretamente e ser integrado ao meio escolar, social e familiar.

Para Antunes (2009) o professor deve sempre que possível fazer observações positivas, elogios e comentários de que precisa melhorar, avaliando sem confrontar com as dificuldades, procurando não compará-lo com outros demais alunos da classe, isso servirá de incentivo para este aluno, fazendo com que ele possa se sentir estimulado e motivado acreditando que pode ser capaz. Assim, o educador estará envolvendo o aluno na tarefa de superação das suas dificuldades, promovendo a motivação e autoconfiança, desenvolvendo a auto-estima do aluno

dislético, mediante o estímulo e o êxito.

Para Cury (2003) os professores fascinantes são promotores de auto-estima. O elogio estimula o prazer, e o prazer abre as janelas da memória.

De acordo com Fonseca (1995) a aprendizagem compreende por consequência uma relação integrada entre o indivíduo e o seu envolvimento, do qual resulta uma plasticidade adaptativa de comportamento ou de condutas.

Olivier (2008) afirma que se, por um lado, os disléxicos têm dificuldades na aquisição de linguagem escrita e/ou falada, por outro lado, podem ter grandes potencialidades.

Ambas as entrevistadas concordam com os autores em todos os aspectos mencionados.

Tendo em vista que para fazer com que o aluno se integre no meio social e escolar é necessário que ele esteja sempre envolvido/acolhido, para que então possa haver uma educação inclusiva que de fato promova a aprendizagem dos alunos e o desenvolvimento de suas potencialidades.

A professora em sala de aula procura envolver os alunos disléxicos em todas as atividades, de modo a torná-lo participativo dentro do processo educativo, para que então este venha se sentir motivado, interessado e integrado no contexto escolar e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho podemos perceber que em relação ao atendimento do aluno dislético encontramos a seguinte situação: estes participam coletivamente de todas as atividades aplicadas em sala de aula, são cordiais e tendem a formar grupos entre si, fato preocupante, uma vez que, como visto na revisão de literatura, o trabalho individual é fundamental para possibilitar uma aprendizagem profícua. Um dos alunos disléxicos que apresentava associado a este distúrbio de aprendizagem um fator de viés, a deficiência mental era aplicado atividades individuais, que a meu ver, amparada pelos autores pesquisados, pouco ou nada acrescenta ao progresso da aprendizagem deste caso específico.

Diante desta análise percebe-se a necessidade de possibilitar melhor acesso do professor às estratégias de aprendizagem, seja por meio de políticas públicas adequadas ou de facilitação e incentivo da escola, de modo a suprir as necessidades reais do aluno dislético.

Em relação à dislexia propriamente dita é necessário que a intervenção do professor seja realizada de forma cirúrgica, atendendo as reais especificidades destes alunos.

Neste sentido, trabalhando em prol do desenvolvimento escolar desse indivíduo, por meio de práticas inclusivas, promovendo de fato a inclusão escolar e social.

REFERÊNCIAS

- AJURIAGUERRA, J. **A Dislexia em questão: dificuldades e fracassos na aprendizagem da língua escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1990
- ALVES, Luciana Mendonça. *et al.* Aspectos prosódicos temporais da leitura de escolares com dislexia do desenvolvimento. **Rev Soc Bras Fonoaudiol.** 14(2):197-204. Campinas (SP), 2009.
- ARAÚJO, Alexandra Pruber de Queiroz Campos. Avaliação e manejo da criança com dificuldade escolar e distúrbio de atenção. **J Pediatr (Rio J)**;78 (Supl.1): S104-S110: TDAH, dificuldade de desenvolvimento da leitura, aprendizado, diagnóstico, tratamento. 2002.
- ARAÚJO, Filipa Andreia Portela. **Melhorar a fluência da leitura com recurso ao computador pessoal: estudo de caso único de criança com dislexia.** Tese de Mestrado em Estudos da Criança Área de Especialização em Tecnologias de Informação e Comunicação. Universidade do Minho Instituto de Estudos da Criança, 2009.
- BOREL-MAISONNY. S. Existe uma patologia da aprendizagem da língua escrita *In: AJURIA-GUERRA e colaboradores. A Dislexia em Questão: dificuldades e fracassos na aprendizagem da língua escrita.* Editora Artes Médicas Sul Ltda, 1990.
- BORUCHOVITCH. Evely. Estratégias de aprendizagem e desempenho escolar: considerações para a prática educacional. **Psicol. Reflex. Crit.** Vol.12 n.2 Porto Alegre, 1999.
- CAPELLINI, S. A. Abordagem neuropsicológica da dislexia. *In: MELLO, C. B.; MIRANDA, M. C.; MUSZKAT, M. (org.). Neuropsicologia do desenvolvimento: conceito e abordagens.* São Paulo: Mennon Edições Científicas, p. 162-179, 2006.

CAPELLINI, Simone Aparecida. *et al.* Desempenho em consciência fonológica, memória operacional, leitura e escrita na dislexia familiar. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**. out-dez;19(4):374-80. São Paulo, 2007.

CAPELLINI, Simone Aparecida. *et al.* Eficácia terapêutica do programa de remediação fonológica em escolares com dislexia do desenvolvimento. **Rev. CEFAC**. Jan-Fev; 12(1):27-39. São Paulo, 2010.

CARVALHAIS, Lénia Sofia de Almeida; SILVA, Carlos. Consequências sociais e emocionais da Dislexia de desenvolvimento: um estudo de caso. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)**, Volume 11 Número 1 Janeiro/Junho • 21-29, 2007.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Editora Sextante, Rio de Janeiro, 2003.

FERNANDES, R. A.; PENNA, J. S. Contribuições da psicopedagogia na alfabetização

dos disléxicos. **Revista Terceiro Setor**, v. 2, n. 1, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa**. 4ª Edição revista e ampliada do minidicionário Aurélio. Editora Nova Fronteira. Brasília, 2001.

FERT, M. Dificuldades e fracassos na aprendizagem da língua escrita em Genebra *In: AJURIAGUERRA e colaboradores. A Dislexia em Questão: dificuldades e fracassos na aprendizagem da língua escrita*. Editora Artes Médicas Sul Ltda. 1990.

FONSECA, Vítor. Dislexia, cognição e aprendizagem: uma abordagem neuropsicológica das dificuldades de aprendizagem da leitura. **Rev. Psicopedagogia**, 26(81): 339-56, 2009.

FONSECA, Vítor. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

GERMANO, Giseli Donadon; CAPELLINI, Simone Aparecida. Eficácia do programa de remediação auditivo-visual computadorizado em escolares com dislexia. **Pró-Fono Revista de Atua-**

lização Científica. out-dez;20(4):237-42. São Paulo, 2008.

GUERREIRO, S. A. **A resposta educativa às dificuldades de aprendizagem específicas do Hilário: um estudo de caso único**. Dissertação de mestrado não publicada em Educação Especial, na área das dificuldades de aprendizagem. Instituto de Estudos da Criança: Universidade do Minho, Braga. 2007.

LAUNAY, J. Disléxicos, disortográficos ou “maus leitores” e “maus escritores. *In: AJURIAGUERRA e colaboradores. A Dislexia em Questão: dificuldades e fracassos na aprendizagem da língua escrita*. Editora Artes Médicas Sul Ltda. 1990.

LUKASOVA, Katerina. *et al.* Discriminação fonológica e memória em crianças com dislexia e bons leitores. **Psico-USF**, v. 14, n. 1, p. 1-9, jan./abr. São Paulo, 2009.

MACHADO, Andréa Carla; MIYAZAKI, Maria Cristina. **Revisão de Literatura: Estratégias de aprendizagem no acompanhamento psicopedagógico em sujeitos com dislexia do desenvolvimento**. ANAIS Congresso de Psiquiatria. Londrina, 2007. Disponível em <<http://www.psiquiatria.infantil.com.br/congressos/uel2007/112.htm>>.

MESQUITA, Suely. **PEI: Uma nova proposta de intervenção na Dislexia e Síndrome de Irlen**. 11th IRLLEN International Conference. Belo Horizonte, 2012. Disponível em <<http://dislexia-deleitura.com.br>>.

NUNES, Terezinha. *et al.* **Dificuldades na Aprendizagem da Leitura: teoria e prática**. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

OLIVIER, Lou. **Distúrbios de aprendizagem e de comportamento**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2008.

PIRES, José Cardoso. **Estratégias de intervenção com o aluno disléxico: Análise e discussão de um caso prático Aplicação da CIF**. Amadora. 2008.

POCINHO, Margarida Maria Ferreira Diogo Dias. **Prevenção da iliteracia: processos cognitivos implicados na leitura**. Portugal: **Revista Iberoamericana de Educación**. EDITA: Organización de Estados Iberoamericanos para la Educa-

ción, la Ciencia y la Cultura (OEI). 2007.

POZO, J.J. **Estratégias de Aprendizagem**. Em C. Coll, J. Palácios & A. Marchesi (Orgs), Desenvolvimento psicológico e educação: Psicologia da educação (pp.176). Porto Alegre. Artes Médicas, 1996.

RELVAS, Marta Pires. **Neurociência e transtornos de aprendizagem: As múltiplas eficiências para uma educação inclusiva**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2008.

RIBEIRO, M. **Ler bem para compreender melhor: um estudo exploratório de intervenção no âmbito da descodificação leitora**. Dissertação de mestrado não publicada em Psicologia na área de especialização em Psicologia Escolar. Instituto de Educação e Psicologia: Universidade do Minho, Braga, 2005.

SANTOS, Mônica Pereira; PAULINO, Marcos Moreira. **Inclusão em Educação: Culturas, Políticas e Práticas** (Orgs). 2ª edição. Cortez Editora. São Paulo, 2008.

SCHIRMER; Carolina Ribeiro. *et al.* Distúrbios da aquisição da linguagem e da aprendizagem. **Jornal de Pediatria** - Vol. 80, Nº2(supl), 2004.

VELOSO, B .**Metodologias e Estratégias de Aprendizagem de Ensino na Dislexia**. Disponível em <<http://disléxicos.wordpress.com/metodologias-e-estrategias-de-ensino-na-dislexia>>.